

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MAYSA LANNE VIEIRA DAMASCENO

VAMOS PASSEAR?
A UMA CARTA-GRAFIA COM A AUTONOMIA

MACEIÓ
2022

MAYSA LANNE VIEIRA DAMASCENO

VAMOS PASSEAR?
A UMA CARTA-GRAFIA COM A AUTONOMIA

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília Silveira.

MACEIÓ

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB4-1251

D155v Damasceno, Maysa Lanne Vieira.
 Vamos passear? Uma carta-grafia com a autonomia / Maysa Lanne
 Vieira Damasceno. – 2022.
 36 f. : il

Orientadora: Marília Silveira.
 Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) –
 Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 35-36.

1. Carta - Percepção. 2. Carta-grafia. 3. Autonomia. 4. Cuidados.
I. Título.

CDU: 159.9

AGRADECIMENTOS

Marília, querideeeza, muito muito muito obrigada por todos os aprendizados nesses anos de pesquisa. Obrigada pelos apoios, pelas comidinhas nas reuniões, por tornar a vida mais leve. Obrigada por mostrar que há espaço para parar, para acolher os travamentos da escrita, da garganta entalada e do corpo doído depois de encontros difíceis... Obrigada pelo dito que a “procrastinação” é a escrita processando na gente, é o corpo se movimentando para escrever, agora eu saio dizendo isso para todo mundo! Você revirou minha formação de ponta-cabeça e foi ótimo hahaha

Mainha, rainha linda da minha vida, obrigada pela dedicação em fazer essa criaturinha aqui viver no mundo. Imagino que não foi fácil trabalhar tanto e sempre andar carregando uma outra pessoinha do lado, depois ver a pessoinha voando para outra cidade, para outras coisas, para dias ocupados... desculpa os estresses, hihi, os dias que não deu para ser sua motorista particular e nem aceitar o convite de alguma viagem. Mas olhaaaa, agora vai! As plantinhas que você me deu em dezembro estão lindas, tem folha nova nascendo na babosa, amo observá-las pela manhã e colocar para tomar sol, sinto que nessas últimas semanas estou crescendo junto com elas.

Mádysonzinho, Mayara mandou a foto de uma carta antiga e eu tava te chamando assim kkkkkkk Desculpa pelos estresses, pelas brigas e pelas vezes que você queria a gente passando dias juntos, mas não deu. Torço muito pelo seu sucesso, pela conquista dos seus sonhos e sei que você também tá comigo. Só sinto dizer que não vai ser agora que vou deixar de usar seu quarto como sala de estudos hehehe. Realmente a mesinha deu “sorte” e é o único lugar do apartamento que dá para estudar virada para janela aproveitando o céu azulzão de Maceió. Mas prometo deixar tudo arrumado para quando você estiver aqui, junto com umas cervejinhas geladas.

Mayara, amadinha, “Lala”, como te agradecer? Tu que cuida de mim e da família toda, que é sempre presença e trocas. Obrigada pelos bolinhos enviados à distância, pelos incentivos, por segurar a barra comigo, pelas fofquinhas, pelos segredos que escuta (mesmo que depois vá correndo contar a mainha, rum!) e por compartilhar suas trajetórias comigo. Amo que nossos caminhos profissionais se cruzam e espero que continuem se cruzando. Vamos juntas!

Paulo, cunhadinho, obrigada a vc também pelo suporte nesses anos todos. Começou com a ajuda para fazer aquela maquete de cozinha para Artes na quinta série e não parou mais né... obrigada demais! Chego já aí para abusar vocês mais um pouquinho.

Lu, meu amor, a gente se encontrou quase ao mesmo tempo que encontrei esta pesquisa. Tantos momentos a gente já compartilhou desde lá! Amo ver o quanto você está crescendo na sua vida, conquistando as coisas que sempre dizia que queria. Te agradeço partilhar comigo. Mas também agradeço pela sua ajuda imensurável, viu? Obrigada pelas mil e tanto caronas, pelas sonequinhas pós-almoço no RU quando dava, por me acolher nos momentos de choro, de desespero, por chamar para dar voltas, ver filme, ver o mar... tantas foram as vezes que tava cansada, sem conseguir estudar, escrever, pensar e tudo fluía mais fácil depois de uma voltinha. Obrigada pela companhia nessas últimas semanas de escrita e por me socorrer quando o notebook e internet falharam.

Meus Draminhas em New York e lindezas do “Comendo Sempre”, pensar nos nossos 12 anos de amizade (MINHA GENTE???) faz me sentir muito velha, mas o tempo foi bom com a gente né? As lembranças que o Facebook manda tão aí para provar. Nossos momentos juntos são essenciais para dar fôlego à vida e sobreviver ao aperreio da universidade. Quero a gente juntinho sempre. Mas vamos marcar uma praia, finalmente?

Mi, Ray e André, obrigada pelas conversas, pelos apoios, pelos memes, fofquinhas e até os xingamentos carinhosos, por serem suporte nos desesperos e angústias. Não teria chegado até aqui se vocês não tivessem junto comigo no caminho. André, te admiro demais! Admiro teu trabalho e o que caminho está construindo. Ray, tão fofinha onti, você sempre com uma palavrinha para dar um up, seja coisa séria ou aleatoriedade para dar risada haha também admiro a tua caminhada, mas me chama para tomar café na sua salinhaaaa. Miiiiii, minha duplinha oficial de contrato verbal e tudo, obrigada demaisssss. Amém aqueles primeiros trabalhos no 1º período. É tão real que não sei como teria sido a graduação sem você que preciso agradecer pelo dia que venho correndo dizer “amigaaaa, chegou uma prof nova na pós-graduação e ela vai ter pibic sobre saúde mental e atenção básica!! Vamos fazer? Manda e-mail para ela”. Quando crescer quero ser igual a vocês três!

Lanna, meu benzinho, obrigada pelos seus abraços sempre quentinhos, macios e cheirosos. Ir para UFAL e saber que ia te encontrar deixava tudo mais fácil. Sinto saudades da sua carinha feliz, dos olhos brilhando falando sobre as coisas que você gosta, sempre com tanto encantamento. Aprendi/aprendo muito com vc e espero poder continuar acompanhando tua caminhada. Beijinhos.

Prof Beth, Edja, Larissa, Laurinha, obrigada por abrirem os caminhos da pesquisa para mim através do GPMI. Vocês transformaram minha visão sobre envelhecimento e também sobre relações de cuidado na universidade. Saudades!

Pácifer, prof Mariana, NASF e ACS... lembro sempre com muito carinho das nossas reuniões, visitas domiciliares, supervisões. Aprendi muito no estágio sobre fazer psicologia e fazer cuidado de fato humanizado. Obrigada!

CnaR, minha equipe 3 top e Jorgina, chefinha hihi, obrigada pelas trocas, aprendizados, por terem oportunizado e compartilhado das histórias que conto aqui. Nem sempre é fácil o trabalho que a gente realiza, mas fazer em equipe torna mais leve e potente. E agora foi! Entreguei o TCC, genteeee! Uhuull.

Tiago, D. Márcia, Adelino... vocês tão aqui representando cada encontro dos grupos, da GAM, do estágio, do trabalho no CnaR, obrigada por oportunizarem a escrita, por ensinarem tanto, pelas acolhidas... A todas e todos que encontrei nessa trajetória, obrigada!

Um último salve à UFAL e ao SUS, em tempos tão duros toda chance de afirmar a universidade pública, gratuita e de qualidade, de afirmar a ciência e a defesa da saúde como direito universal precisa ser aproveitada! Ah, não menos importante: pelo cuidado em liberdade e no território! Trancar não é tratar, muito menos cuidar!

RESUMO

A escrita deste trabalho de conclusão de curso é construída na interface das experiências vividas na graduação durante a iniciação científica e estágio obrigatório curricular, bem como da minha entrada na rede de atenção à saúde como trabalhadora do Consultório na Rua. Um tema se fazia central quando começamos a pensar a pesquisa: o que é autonomia e quais são seus efeitos na saúde? À medida que entramos nas experiências, que assentamos nossas perguntas em territórios, outras perguntas apareceram: o que é cuidado? Que tipo de cuidado estou produzindo? O que pode o cuidado? Como os diferentes jeitos de produzi-lo interferem no mundo, na gente e em todas as pessoas envolvidas? Por onde caminha a autonomia? Sendo a escrita ato de pesquisar em si mesmo, de dar forma e densidade à pesquisa, encontramos na carta-grafia a possibilidade de destravar uma escrita-pesquisa e de contar histórias, colocando nossas questões a partir da forma como nos afetam. São quatro cartas que pensam, questionam e exploram modos de escrever, sentir, produzir cuidado e autonomias, todas guiadas pela Saúde Coletiva, pelo PesquisarCOM e pelo feminino na ciência.

Palavras-chaves: autonomia; cuidado; cartografia; pesquisarCOM.

RESÚMEN

La redacción de este trabajo de conclusión de curso se construye a partir de la interfaz de las experiencias vividas durante la graduación, la iniciación científica y la pasantía curricular obligatoria, además de mi ingreso en la red de atención a la salud como trabajadora en el servicio de atención a población de calle. Un tema se volvió central cuando empezamos a pensar en la investigación: ¿qué es la autonomía y cuáles son sus efectos en la salud? A medida que entramos en las experiencias, a medida que fijamos nuestras preguntas en territorios, aparecieron otras preguntas: ¿qué es el cuidado? ¿Qué tipo de cuidado estoy produciendo? ¿Qué puede importar? ¿Cómo las diferentes formas de producirlo interfieren en el mundo, en las personas y en todas las personas involucradas? ¿Hacia dónde va la autonomía? Siendo escribir el acto de investigar en sí mismo, de dar forma y densidad a la investigación, encontramos en la CARTAgrafía la posibilidad de destrabar una escritura-investigación y de contar historias, planteando nuestras preguntas desde la forma en que nos afectan. Son cuatro cartas que piensan, cuestionan y exploran formas de escribir, sentir, producir cuidado y autonomía, todo guiado por Salud Colectiva, InvestigarCON y lo femenino en la ciencia.

Palabra-clave: autonomía; cuidado; CARTAgrafía; investigarCON.

SUMÁRIO

Carta 1 – A quem ler: quero te apresentar as ruas que caminho	10
Carta 2 – Ao grupo de orientação	15
Carta 3 – Querida autonomia,.....	20
Carta 4 – À gente que pensa e faz saúde,	26
REFERÊNCIAS	35

Carta 1 – A quem ler: quero te apresentar as ruas que caminho,

Povoada, quem falou que eu ando só...

Tenho em mim mais de muitos

Sou uma, mas não sou só

Sou uma, mas não sou só

Sou uma, mas não sou só

Sou uma, mas não sou só mermo

(Povoada, Sued Nunes)¹

A primeira palavra que começa um texto é, para mim, a mais difícil de ser escrita. Por onde começar um texto acadêmico? Como escolher sua estrutura? Que parte da pesquisa será contada? Por que contar em cartas? Há três semanas não poderia imaginar meu trabalho de conclusão de curso de Psicologia em forma de cartas. Apesar de uma escrita já marcada pelo exercício de pensar em você, que está lendo, em como está lendo e quais perguntas poderá fazer ao longo da leitura, e pela tentativa de produzir um texto fluido, de contar uma história (ou várias), não conseguia imaginar haver espaço na academia para produzir conhecimento através de cartas. Agora, no entanto, a medida que caminho pela **carta-grafia** de Bruna Moraes Battistelli e Érika Cecília S. Oliveira (2021)², vejo que não tinha como ser de outra forma. Primeiro, porque a tentativa anterior de uma escrita contada era constantemente interrompida pelo engessamento aprendido durante anos de vida escolar e universitária, era o peso de juntar dois mundos diferentes no papel em branco, ficando ora afetuoso demais, ora deveras pesquisadora sem pé no território. Segundo, porque a medida que aciono algumas memórias³, entendo como escrever cartas fez parte desta pesquisa e, em tempos mais distantes, do meu viver.

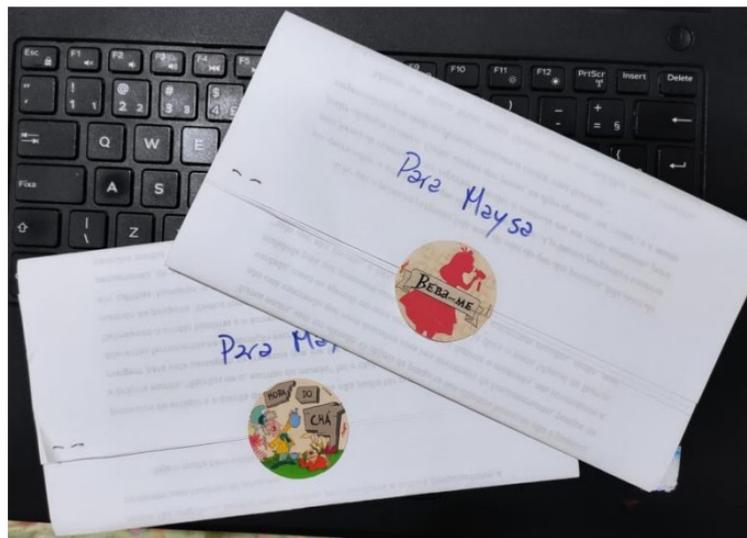
O pontapé deste trabalho é a pesquisa de iniciação científica “Tecendo redes com a Gestão Autônoma da Medicação: políticas e práticas de cuidado em Saúde Mental” que fiz parte entre os anos de 2017-2019. Na nossa primeira reunião, Marília Silveira, a orientadora, recebeu

¹ Vídeo da canção-oração disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>>.

² Também é das autoras que tomo emprestado a aposta de citar com o nome completo as autoras e autores utilizados, exercitando uma política de pesquisa feminista e decolonial.

³ “Cartas endereçadas para pessoas que costumemente não se encontrariam citadas em artigos acadêmicos, mas que em uma política de pesquisa como a cartografia se fazem importantes, pois um de seus alimentos são as cartas de cunho pessoal que escrevemos (ou não) ao longo da vida. O acionamento destas memórias é parte importante de uma política de pesquisa que intenta articular escrita, cuidado e experiência”. (BATTISTELLI; OLIVEIRA. p.693, 2021)

eu e minha duplinha (de graduação, de vida e de PIBIC) com duas cartas para cada, seladas com fofos e significativos adesivos de Alice no País das Maravilhas. A felicidade e expectativa nos unia naquele primeiro encontro realmente cara a cara. Nas cartas, uma escrita por Marília e outra por Carlysson Alexandre, mestrando da Psicologia em 2017, estava o convite para nos deixar afetar e para nos transformarmos no caminho da pesquisa, para pensá-la como coletivo e partilha (não estamos sozinhas), para entender a ciência como ela é (não é neutra e nem perfeita), para escutar mais do que falar e pesquisarCOM (Márcia Moraes, 2010; Marília Silveira, 2013; Marília Silveira, Analice Palombini, Marcia Moraes, 2014) as pessoas.



Fonte: acervo pessoal da autora.

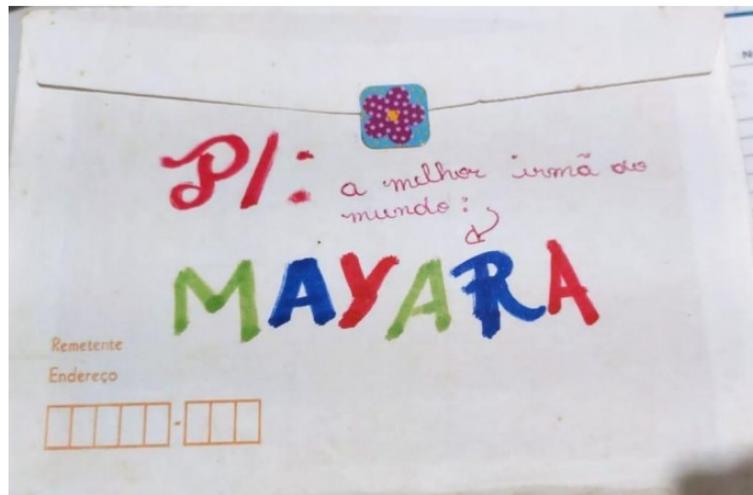
Pouco depois a carta apareceu de novo na universidade, dessa vez como proposta de avaliação escolhida em exercício de cogestão entre estudantes e professoras na disciplina Gestão Autônoma da Medicação (GAM), vinculada também a pesquisa com Marília. Escolhi escrever a carta para Mirella, porque ela não pôde participar das aulas e eu queria lhe contar o processo da disciplina. Na carta articulava os conceitos que estudamos com a nossa própria formação. De um jeito que nenhum outro modo de escrita tinha permitido até então assentei a teoria num território: nosso território, nossa vida.

Lembro das cartas trocadas ao longo da vivência do VER-SUS⁴ em 2018, escritas sob o cansaço de poucas horas de sono por dia, de longas horas de estudo e discussão, mas com o

⁴ Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) é um projeto da Rede Unida que visa a criação de espaços de discussão e vivência dos territórios locais dentro do SUS, pensando a formação de profissionais para o SUS a partir dos princípios e diretrizes do sistema. Disponível em: <<http://www.redeunida.org.br/en/versus/menu/vivencias-ver-sus/>>, acesso em 13 de fevereiro de 2022.

mais importante: o cuidado e o afeto com o outro que nos moveu naquele espaço. Lembro também de uma carta querida recebida durante alguma aula da graduação.

Lembro das cartas trocadas durante minha infância com minha irmã mais velha. Eu morava no interior, onde nascemos, e ela que já estava no Ensino Médio e cursinho pré-vestibular morava em Maceió. Ela e meu irmão moravam só, talvez não soubessem, mas serviam de inspiração e tudo que queria era que chegasse logo minha vez de mudar de cidade e estudar na “capital” também. Não tínhamos computador, muito menos internet, o salário de professora de mainha era contado (mesmo com seus três vínculos), estudo e alimentação dos três filhos primeiro, sempre. Telefone? Bom, no interior a gente tinha uma linha residencial, em Maceió, um celular e ligar de um para o outro custava horrores. Assim, nos sobravam as cartas, trocadas a cada mês quando mainha ou painho viajavam.



Fonte: acervo pessoal de Mayara Vieira, irmã da autora.

Lembro com muita emoção da última carta que enviei para ela, recentemente, e dessa vez como arquivo de *word* via *whatsapp* (o carteiro está diferente, né?). Foi uma carta que havia escrito para outras pesquisadoras, orientadas de Marília, cada uma em um momento diferente de pesquisa, todas elas mestrandas. Marília propôs para gente que escrevêssemos uma carta contando destes processos que estamos vivendo. As reverberações foram incríveis. Cartas recheadas de sentimento, de histórias, de personagens importantes nas nossas vidas, de luta, cartas singulares, cartas pessoais, mas capazes de produzir “eu também”, “me identifiquei”, de tornar coletivo o pessoal (Josselem Conti, 2015⁵), de suspender e questionar o jeito hegemônico

⁵ Josselem Conti (2015) em sua dissertação faz uma proposta para nos posicionarmos: trocar as únicas históricas (hegemônicas) por histórias únicas (singulares, locais e situadas). Ela percorre o caminho aberto por Chimamanda Adichie em 2009 no TED Talk “O perigo da única história única” (disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>), mostrando

de pesquisar. Minha irmã também está no mestrado, travada na escrita do projeto de qualificação, processo bem parecido com o meu e por isso compartilhei com ela a carta já escrita. Como resultado recebi outra de volta, com seis páginas (risos) sobre sua pesquisa.

Mas como e por que transpor esta forma de escrita para artigos e capítulos de livros? Porque acreditamos que as cartas são meios importantes para o acolhimento de ideias, conceitos e narrativas sustentados em uma lógica de abertura às questões. Produzem a abertura da linguagem, acolhem manifestações de afeto e trejeitos de escrita que costumam ser considerados inapropriados para artigos e capítulos de livros. Em uma perspectiva **cartográfica**, as cartas são textos pouco preocupados com as respostas, mas sim com os percursos, com o que se constrói no entre correspondências. (BATTISTELLI; OLIVEIRA. p.690, 2021)

Todos esses acontecimentos em torno das cartas me fazem afirmar, inspirada no caminho de Bruna Batistelli com a carta-grafia, que as cartas compõem a metodologia de meu trabalho. Ainda assim tenho medo dessa afirmação. Mesmo agora, apostando na escrita cartográfica, me perco com as palavras. Esqueço as infinitas possibilidades existentes. Tento seguir a linguagem formal, dando pequenas escapulidas. Coabitam em mim várias escritas. Mas veja, as questões com as quais pesquiso não são só sobre escrever (ainda que elas apareçam em vários momentos), são também sobre autonomia, as formas de produção de cuidado em saúde e como conseguimos (ou não) trabalhar com essa autonomia nos nossos atendimentos no SUS.

Como já te contei, esse trabalho faz parte da pesquisa com a GAM e que se desenrolou de 2017 a 2019. Nesse tempo, muitos caminhos foram e continuam sendo percorridos com ela. Quando começamos⁶ a construí-la, estava na segunda metade da graduação de Psicologia, conhecendo aos poucos as práticas em saúde e a rede (o SUS e outros setores que compõem o cotidiano de uma prática ampliada), passei, então, pelo período de estágio supervisionado no Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF) e ainda neste tempo fui contratada como agente de ação social no Consultório na Rua (CnaR). A cada novo lugar que conheci novas perspectivas foram traçadas; cada lugar ocupado (de estudante, pesquisadora, estagiária, trabalhadora da rede) traz transformações significativas para forma como vivemos, pensamos e contamos as experiências que constroem a pesquisa.

que as histórias que contamos interferem no mundo e contar muitas histórias cria um mundo mais rico. Mas também que há potência nas histórias únicas, porque quando “o pessoal toca no outro, se torna política. Cria um ‘nós’. O que diz de um pessoal se conecta com outro e esse outro pode dizer “eu também” e neste momento, um laço se faz. É político quando abre a possibilidade de se conectar e compor um mundo comum.” (CONTI, p.102, 2015).

⁶ O “nós” aqui refere-se ao grupo de pesquisa de iniciação científica. Mas o texto é construído em diferentes pessoas. Em alguns momentos, nos caminhos que se referem às experiências particulares optarei por “eu”, Maysa. Mas não faltarão os momentos de “nós” como todos os envolvidos de alguma forma - pesquisadores, usuários, trabalhadores, estudantes.

Certa vez, uma amiga de graduação comentando sobre a localização do seu novo consultório destacou que ficava próximo a sala dos outros amigos do grupo e eu, Maysa, passava por todo mundo de van porque ocupo a rua toda (em referência ao CnaR). Junto a esta lembrança, adiciono outra, quando conversando com outra amiga sobre os campos de estágios, desejos e dificuldades de deslocamento, ela brincou que eu só escolhia coisa complicada, de rodar a cidade toda (em referência ao NASF e ao CnaR). É dessas conexões que tiro o título da carta – as ruas pelas quais caminho, também inspirada numa frase de Paulo Freire quando ele diz que “a cabeça pensa onde os pés pisam”. E assim te convido a caminhar junto comigo, entre ruas e entre cartas, imaginando moradores, paisagens, casas, cheiros, sons e todo movimento que nos constrói.

Com afeto,
Maysa Vieira.

Carta 2 – Ao grupo de orientação⁷

Bom dia, meninas!

Semana passada conversamos um pouco sobre onde estamos com nossas escritas e falei que estou no final do final do meu prazo. Que estou travada vocês já sabem, eu também ☹ Também falei que tenho a sensação de não saber mais como se escreve, como que se faz um trabalho e por isso pensava em retomar textos anteriores (até que não tem nada diretamente relacionado com a pesquisa) só para lembrar que sim, poxa, um dia eu tive a belíssima capacidade de sentar e escrever. Não que tenha sido fácil. Consigo, a partir das lembranças, dividir os textos que escrevi em dois tipos: os com roteiro pronto (pesquisar um número x de artigos, ler, analisar, achar uma linha de pensamento entre eles e escrever) sem ousar muito colocar a nossa cara no texto e aqueles, como essa carta, que a gente se mostra. Os primeiros sempre foram os mais simples; os segundos, mais doloridos e, no entanto, os mais gostosos.

Dos primeiros até poderia dizer “saudades viu”, mas acabei de lembrar que no fim de semana sonhei com Marília deixando de me orientar, outro professor do IP assumia e dizia que eu precisaria mudar a forma de escrever, até poderia manter o tema central, mas precisaria seguir o roteiro “defina limite de tempo, pesquise os artigos e analise. Vai ser mais fácil e rápido né?”, respondi com certo alívio que sim, mas o alívio passou rápido, continuei sem saber escrever. Me mostrar é desconfortável, mas não ter a chance de dizer quem sou, como penso e o que defendo é sufocante. Acordei sufocada.

Do segundo tipo de texto, consigo lembrar dos momentos que escrevi. São eles os diários de campo de aulas práticas (para as disciplinas como Práticas Integrativas e Intervenções em Saúde), do PIBIC, relatório de estágio e até mesmo o do VER-SUS. Esses, geralmente, levaram mais tempo, mais momentos de pausas, de choro, de garganta entalada, de sair de casa para espalhar, ou se em cima do prazo, sair de casa com o computador para espalhar e escrever. E depois, do texto pronto, lembro de reler e ter vontade de abraça-lo, como se abraçando a mim mesma. São esses os textos que estou retomando para relembrar como escrevo – ainda que cada texto tenha seu próprio processo de escrita. Além deles, também estou revendo anotações das reuniões de orientações e das evoluções de pacientes da época do estágio.

⁷ Esta carta foi escrita a partir de um pedido da orientadora desse trabalho que, diante de todas as queixas dos medos e travas de todas as orientandas do grupo para escrever, sugeri que escrevêssemos uma carta contando o que estava difícil no processo de escrever, foi a partir dessa carta que pudemos ousar pensar nas cartas como a metodologia do trabalho.

Em outubro do ano passado foi minha primeira reunião no afeTAR⁸ e, entre tanta gente diferente, encontrei pessoas vivendo processos parecidos com o meu, como tentar visualizar o texto pronto e sem isso não conseguir escrever (mas conseguiu falar, explicar tão destrinchadinho que foi uma lindeza!). Foi importante saber que não estou sozinha nesse passo lento, porque sentia que estava. Não sozinha de não ter a quem pedir ajuda, mas sozinha de ser a única sem terminar algo que começou, sozinha com a culpa e a dor de uma graduação prolongada, de saber que poderia estar em passos mais adiantes na profissão (até de ganhar melhor mesmo, afinal precisamos de dinheiro para pagar as contas, não é?) e não estar. Por que mesmo? Desse encontro a última anotação que fiz foi “me autorizar a escrever, a falar, a crescer...” e agora acrescento, me autorizar a me mostrar também. Nessa tentativa, quero contar mais uma coisa para vocês.

Andava pensando nas histórias que gostaria de contar no TCC e em uma específica que acredito ter muito a aprender com ela, mas ao mesmo tempo há uma dificuldade de falar, porque expõe fragilidades, sentir-se impotente e não saber mais o que fazer (como produzir cuidado e estimular autonomies quando não se sabe mais o que fazer?). Acredito que já contei partes dela nas nossas reuniões. É a história de um homem adulto que acompanho pelo CnaR. O conhecemos por volta de 2019, quando já completava mais de um ano direto “acolhido” em uma comunidade terapêutica aqui da região. O vínculo familiar quase inexistia. Apesar das diversas tentativas e ligações da equipe da comunidade, ficava apenas a promessa da visita. Conseguimos conhecer a família, visitá-la e algum tempo depois ele retornou para casa de uma de suas irmãs. Mas não demorou muito para retornar ao uso intenso de álcool. Aliás, seus familiares também bebem e não raro, bebiam juntos. Disso surgiram brigas e o mesmo retornou para rua. Tiago⁹, como vou chamá-lo aqui, convive com diabetes. Um verdadeiro agravo em sua saúde, porque recusa a medicação para controle a não ser que esteja internado e, mesmo quando está em casa (e não na rua), não realiza os cuidados com a alimentação. Conseguimos

⁸ O Laboratório afeTAR é um grupo de pesquisa do CNPq e também uma Unidade de Desenvolvimento de Tecnologia Social coordenado pelas professoras Alexandra Tsallis (UERJ) e Marília Silveira (UFAL). Durante a pandemia, os encontros ocorreram online permitindo a participação de pessoas de diferentes estados, como a gente, aqui de Alagoas. A cada encontro uma ou mais pessoas do grupo (estudantes de graduação, mestrado, doutorado etc) compartilha o texto ou pesquisa em que está trabalhando.

⁹ A escrita dessas cartas aconteceu após os encontros, não permitindo a consulta direta às pessoas sobre como gostaria de ser nomeadas, assim, os nomes que utilizamos nas histórias contadas são fictícios. Conheci modos diferentes de ficcionar uma experiência, mas escolhi manter nomes próprios diferenciando as pessoas pela possibilidade de marcar algumas diferenças como gênero, internação ou cuidado no território, institucionalização em hospital psiquiátrico ou não. Ao ficcionar um acontecimento elementos se perdem no caminho contado, agradeço a todos os encontros que compõe este trabalho e meu fazer profissional, tomo cuidado e prezo pelo respeito ao expor nossas histórias, mas isso também significar dizer que elas são apenas uma versão do acontecido.

uma outra comunidade para Tiago, que era o seu pedido tão frequente. Porém seu estado de saúde já estava tão grave que ficou poucos dias e precisamos leva-lo para pronto atendimento. A partir daí encaramos, equipe e Tiago, a fragilidade da rede: não havia lugar para realizar cuidado integral. Devido a diabetes e seus agravos, não poderia estar em nenhum serviço especializado em álcool e outras drogas, nem mesmo no CAPS (um adendo, no estado temos poucos leitos de saúde mental em hospitais gerais e o mais próximo, voltou-se 100% para atendimento de covid-19, fechando tais leitos durante 2020 e parte de 2021) e pela experiência de trabalho da equipe, inclusive no próprio acompanhamento com Tiago, sabíamos que nos prontos atendimentos e demais hospitais ainda há uma lacuna importante na sensibilização dos profissionais quanto ao cuidado em saúde mental, especialmente no uso de substâncias (não que o cenário nas chamadas comunidades terapêuticas seja diferente). No ápice da revolta, porque sim, trabalhadores se revoltam e sentem um tanto de outras coisas que muitas vezes ficam guardadas na gente, me perguntava o que esperavam que a gente fizesse: dividiisse uma pessoa em duas para acompanhar cada parte em lugar diferente? Acionamos a rede disponível, gerências, família... sentíamos-nos sozinhos com Tiago. Passamos por algumas consultas médicas que poucas respostas nos davam. Eram ofertas de um cuidado que não cabiam na vida de Tiago. Em algum momento conseguimos atendimento e internamento num hospital geral.

No dia dessa internação, o acompanhamento durou um dia inteiro, das 7 horas da manhã até a noite, e reforçou novamente, não só a fragilidade da rede de atenção psicossocial, mas também o sentir só. E aqui apresentam-se dois modos de cuidado que se parecem opostos, mas coexistem: o que a gente tenta fazer no Consultório na Rua, pensando na saúde de modo integral, sendo um dos poucos pontos da rede que se necessário fica um dia inteiro acompanhando, que se mantém fazendo do pré-natal à despedida na morte; e a fragmentação da saúde.

Para ficar com Tiago e para, principalmente, Tiago ficar com a gente, tomamos mão de várias estratégias: garantir a comida, pegar uma água, “espera um instante que vou ver se vai sair o lanche do hospital”, correr atrás de uma cadeira de rodas num local em que as macas com pessoas já internadas lotavam a recepção (e engolir seco o choro, a vontade de desabar diante de tanto absurdo, porque vejam, os jornais locais viviam denunciando as condições do hospital, mas era minha primeira vez vendo, ou melhor, vivenciando de perto), “espera mais um pouco, já já chega sua vez”, encontrar entre os trabalhadores correndo de lá para cá um rosto aberto, possível a olhar com calma; e também olhar, conversar com outras e outros acompanhantes, “ficar olhando” enquanto um e outra precisava ir ao banheiro; ligar para minha equipe “podemos adiar os outros campos e vocês vêm, com o carro, me render?”.

O combinado com Tiago era primeiro estabilizar seu quadro clínico, que descobrimos ter outros agravos além da diabetes, e depois, conforme ele queria, acionar o acolhimento no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e em comunidade terapêutica. Tiago ficou internado durante uma quinzena e ao fim, quando fomos encontra-lo para seguir o planejamento o mesmo queria ir para casa (e quem não quer ir para casa depois de uma maratona dessas?). O tempo todo a argumentação também é interna por aqui, afinal já havíamos articulado os outros serviços (ê, trabalhão), provocado toda uma rede (mas ela não está aí para ser provocada mesmo?) e ele só queria ir para casa, o que parecia, depois de tanto, voltar à estaca zero. Tiago ainda aceitou passar por um novo atendimento médico no CAPS, mas não mais que isso. E daí aprendi uma importante lição: acordos precisam ser reavaliados e refeitos. Outra, que já martelava na minha curta experiência profissional/acadêmica, também retornou: a produção de cuidado também é feita se fazendo presente no “não”. Em encontrar recursos que facilitem a organização dos medicamentos (será que ele tomaria?), manter as visitas domiciliares e continuar lá, fazendo o melhor possível.

Ainda teria muito a contar dos encontros com Tiago, mas só esse pouco levou horas e preciso de uma pausa. Entendi que por enquanto essa é a parte que consigo escrever, porque acompanhar esta história e ficar junto mesmo quando os caminhos pela rede são apertados, cansa. Várias vezes ao longo dos últimos dois anos, esses em que a pandemia evidenciou, agravou e colocou novos problemas, me perguntei onde estava a parte gostosa de trabalhar na saúde (pelo amor de deus, onde vim parar? Só tenho 6 anos... haha).

Uma professora disse uma vez que produzir saúde é produzir vida. O que vocês imaginam quando pensam em “produzir vida?”. Nessa época acho que estava iniciando os grupos GAM em dois CAPS de Maceió como parte prática da disciplina. Fiquei no grupo que estava frequentando o CAPS referência das novos e primeiros Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs) de Maceió e foi com esses homens e mulheres que trabalhamos. Tínhamos música, espaço ao ar livre, uma parede amarela para fotos, bolas coloridas, chás e comida. Tínhamos conversas, abraços e risadas. Produzindo vida, certo? Mas nem todas as conversas eram confortáveis, também tivemos choros e crises. Concorda comigo que isso também é vida? E aí, produzir saúde como produção de vida é conseguir sustentar esses desafios e angústias que nos aparecem, e é bom é conseguir sustentar na rede de atenção à saúde.

No entanto, não é tão bonito assim como talvez pareça e nem tudo depende só da gente (profissionais, família e usuários/usuárias). Na aula 3 do curso de Redução de Danos como

Política Decolonial¹⁰, Emiliano de Camargo David, psicólogo e doutorando em Psicologia Social, cita o professor Abrahão de Oliveira Santos para pensar que tipo de cuidado fazemos, “tá bom, a gente faz cuidado, mas com quais abordagens? De que modo? É o Estado, por vezes, quem regula esta escolha de abordagem”:

Pelos meios da assistência psiquiátrica, o racismo de Estado determina os que devem ter saúde mental, e os que podem viver atormentados em seu sofrimento produzido pelas condições sociais, os que devem viver e os que devem morrer, como diz Foucault (2005). É o Estado racista também que determina sob quais condições tratamos da saúde mental da população brasileira, que tipo de investimento, com quais psicologias e quais abordagens (SANTOS, p. 247, 2017).

Segundo Emiliano, Abrahão continua dizendo que a gente não pode esperar o Estado autorizar fazer redução de danos (aqui vista como ética de cuidado, para além de política pública ou estratégia de saúde), porque na configuração que temos (estado branco, da elite e do patriarcado), ela realmente não vai existir. O que quero apontar com essas informações não são respostas, mas as diversas forças que operam sobre o cuidado, o nosso fazer, na gente e entre a gente. É um lembrete também para mim, para não esquecer esses pontos importantes de análise, não esquecer onde que interfere a minha branquitude (e de tantas equipes de saúde), a precarização dos trabalhos, os desinvestimentos na rede de cuidado em liberdade e na rede de assistência social: é no engessamento dos nossos corpos.

Foi na última semana, revendo o caderno de estágio, que encontrei outra história, também de “não”, mas menos impotente. Passei a vê-la como uma brecha, para trabalhar e para escrever. Porque esta história quero contar (só vai ficar para a outra carta). E agora, eis as questões: onde encontrar mais brechas? E no cotidiano, no território, da rede fragilizada? É possível alargá-las para verdadeiras estradas? Talvez sim, espero conseguir fazer isso com meu TCC, encontrar brechas e contar histórias (Marcia Moraes, Alexandra C. Tsallis, 2016) para (re)construir caminhos, interferir no mundo (Josselem Conti, 2015).

Abraços,
Maysa.

¹⁰ Curso de extensão, *online*, promovido pelo grupo de estudos, pesquisa e extensão DiV3rso da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). As aulas aconteceram no segundo semestre de 2021 e estão disponíveis no canal do YouTube do grupo: <https://www.youtube.com/c/Div3rso>

Carta 3 – Querida autonomia,

Você sabe que eu estou te estudando, né? Outro dia me encontrei com um texto de um pedagogo espanhol e quando li esse trecho logo lembrei de você:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Jorge Larrosa Bondía, 2002, p. 24)

Lembra do nosso primeiro encontro? Não falo da primeira vez que conheci seu nome, porque ele está tão presente na nossa vida que para mim seria difícil lembrar. Falo da primeira vez que alguém explicitou seu significado, aquele dia que estava sentada entre tantas cadeiras de um auditório assistindo a uma palestra de saúde e envelhecimento. A profissional, embora não lembre de qual área, dizia que você, autonomia, tem relação com a independência: esta seria a capacidade física de realizar atividades diárias sem necessitar de ajuda e, tu, a capacidade decisória individual sobre o cotidiano, podendo então uma pessoa conviver com comprometimento da independência física, mas ter a autonomia preservada. Isso porque te associamos, realmente, tanto na área da saúde quanto no senso comum, com a independência, como a capacidade de tomar decisões e agir individualmente nas situações cotidianas, cabendo aos profissionais de saúde o respeito (algumas vezes) às decisões de quem te tem. Segui com essa ideia por algum tempo, sem muito questioná-la, e continuei em contato com essas definições hegemônicas no campo da saúde.

Entretanto, aprendi com Marciana Zambillo (2015)¹¹, que também pesquisa com a GAM, que essa concepção carrega uma condição: para ser considerada autônoma, como você, a pessoa precisa estar livre de influências controladoras externas (como outras pessoas) e de limitações próprias (como alterações da racionalidade instrumental). O que é racionalidade instrumental? Bom, nada mais é que a razão, tal como é vista normalmente, mas Marciana

¹¹ Recomendo conhecer a dissertação de Marciana Zambillo (2015) “Autonomias errantes: entre modos de ser autoimpostos e possibilidades de invenção de si”. Percebendo que temos, na saúde, muito apreço por você, autonomia, mas sem conhecer de fato quem és, ela procura traçar um percurso histórico-filosófico sobre seu conceito, além de contar sobre você também como exercício e ato/performance a partir de experiências da pesquisa com a GAM (*spoiler*: uma delas foi uma viagem a Montreal-CA durante 15 dias, realizada por dez pessoas que participaram como pesquisadores no projeto GAM (usuários de saúde mental e discentes das universidades envolvidas)).

apresenta uma ideia interessante: na inaptidão de colocar a razão como contrária à loucura e de dizer que há distância entre elas, passa a usar os termos racionalidade-instrumental (que você já viu) e racionalidade-loucura (a loucura, de todos os jeitos que podemos pensar). Mas continuemos: na formulação que põe a pessoa autônoma como livre de controles, você é definida pelo principialismo e desse jeitinho te encontramos de forma hegemônica nas ciências biomédicas, e desse jeitinho te consideram como *capacidade racional de deliberação do agente*. Logo, quando a razão foge às normas vigentes, a pessoa perde você total ou parcialmente (Marciana Zambillo, 2015).

Esse momento, com a Marciana, foi o marco inicial de mais um encontro nosso (enquanto conceito) lá no PIBIC com a GAM. Você estava andando com uma galera nova. Dessa vez acompanhada pela Saúde Coletiva, você se mostrou como um exercício de **partilha** das tomadas de decisão, entendendo que mais autônomo é um sujeito, quanto mais relações de dependência ele tiver (Roberto Tykanori Kinoshita, 1996) com os diversos pontos da sua rede de apoio. Kinoshita (1996) compreende que você tem a ver com a nossa capacidade de criar novas normas de vida a partir das situações que enfrentamos, e mais chances temos de gerar essas novas normas quanto mais conexões com outros tivermos.

Além disso, a gente aprendeu a te entender como sinônimo de rede, mas de rede pensada como um rizoma (Ricardo Ceccim, Alcindo Ferla, 2006), lembrando da botânica mesmo, a estrutura da planta que geralmente cresce de modo horizontal e de onde podem surgir novos ramos a partir de qualquer ponto e fortalecer ou transformar os que já existem. A ideia de rede rizomática pressupõe múltiplas conexões, o entrelaçamento de diferentes saberes, fazeres, tecnologias, subjetividades; é uma rede construída em processos, sem necessariamente haver delimitações, é algo, tal como o rizoma, que pode crescer para qualquer lugar e direção. Ricardo e Alcindo estão falando da rede de atenção à saúde, mas nos convidam a complexificar essa rede com práticas que não fazem parte formalmente da atenção à saúde, sempre a partir da pessoa, da sua história de vida, de suas demandas e com ela participando (e se sentindo efetivamente) parte do processo. Eu estava aprendendo tudo isso lá em 2017, nas reuniões de PIBIC e também na disciplina, foi nela que as professoras usaram as perguntas do Guia GAM para gente pensar nas nossas redes (e aprender, via experiência/performance/corpo, os conceitos). A proposta era tecer uma rede de barbante entre a gente respondendo à pergunta “o que você precisa para viver?”, na semana seguinte, seguimos construindo a mesma rede respondendo à pergunta “com quem ou o que você contar nos momentos difíceis?”. Conte sobre isso para Mirella em uma carta escrita à época:

“A minha resposta, representando aquele momento da minha vida, foi que precisava de conectividade com as pessoas próximas, precisava quebrar a barreira de pessoa calada/fechada e conversar sobre o que pesa na vida (e, claro, também sobre as coisas que não pesam) com você, com nossos amigos, com outros amigos, com minha família e namorado. Ah, as outras respostas que surgiram foram coisas como precisar de tempo, de leveza e autocuidado, de confiar mais nas próprias potencialidades. Vê? São esses os elementos subjetivos que falei mais acima”.

“Algumas pessoas responderam [com quem ou o que você pode contar nos momentos difíceis?] que contavam com a música e muito facilmente eu poderia ter respondido isso também – contar com a música, com um livro ou até mesmo com a corrida. Mas no exercício de repensar sobre a minha vida e seguindo a resposta da pergunta anterior, vi com quem poderia (e posso) contar: meus irmãos, vocês (meus amigos) e o ‘boy’.”

Autonomia, os elementos subjetivos são também as práticas de cuidado não formais da rede à saúde que Ricardo e Alcindo falam. Contar com tais elementos, pedir ajuda é construir caminhos para andar juntinho com você, ao mesmo que tempo que você também ajuda a sustentar a rede de apoio. Mas não vai achando que é fácil, anos se passaram e ainda trabalho no “pedir ajuda”, a rede é costurada diária e constantemente, algumas vezes é mais fácil, outras a agulha engancha na linha e precisamos parar, olhar, voltar um pouco, refazer. Vejo que pedir ajuda realmente é exercício (desses que botam para suar) também porque vivemos em um tempo histórico-social que coloca tudo no campo individual, produz subjetividades que tentam se sustentar sozinhas, faz com que depender de outras pessoas seja terrível e desmerece qualquer possibilidade de construção coletiva, de ver e referenciar os problemas enquanto sociais, históricos, culturais.

Mas entendi que a proposta é justamente superar a noção de compreender você como capacidade individual para pensar na ideia de exercício de compartilhamento de experiências no coletivo. Veja como o Guia GAM fala sobre você:

Autonomia, no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira, é sempre construída na relação com o outro, em um exercício de compartilhamento de diferentes pontos de vista, numa experiência de cogestão. Pensar em gestão autônoma de medicação implica considerar os usuários como protagonistas e corresponsáveis na gestão do tratamento com medicamentos, participando da decisão de usá-los e do modo como usá-los (GAM, 2012, p. 11).

Autonomia querida, aprendi com a pesquisa GAM, que para esse exercício com você precisamos considerar, antes de tudo, que usuários/usuárias e familiares são detentores de uma certa expertise sobre si (sabem dos medicamentos que tomam, seu(s) diagnóstico(s), sofrimento psíquico, seu corpo, sua vida...) e sobre o tratamento que recebem. Para muito além do saber acadêmico-teórico-conceitual, existe o saber da experiência, de quem é que realmente sente os efeitos da vida no corpo. Aprendi que esse saber, com todo seu valor, transforma o processo saúde-adoecimento (e todo mundo que se envolve nele) quando é levado em consideração.

Nicolle Catanio disse que “ao escrever sobre uma experiência nos é dada a possibilidade de pensar sobre aquilo que experienciamos, descobrimos, inventamos, produzimos” (CATANIO, N.; BATTISTELLI, 2019, p. 100) e estou sorrindo com essa constatação, porque ao escrever a história de mais um encontro com usuário e família consegui perceber o entrelaçamento dos diferentes saberes na prática. É o seguinte: era minha primeira ida ao que seria mais tarde o campo de estágio (NASF) e já nesse dia realizamos junto ao psicólogo e a agente comunitária de saúde algumas visitas domiciliares. Em uma dessas, conhecemos D. Marcia, esposa, mãe, avó, irmã. A ACS solicitou essa visita, porque D. Marcia não comparecia aos atendimentos no posto e notou que a senhora andava mais triste. Lembro de entrar na casa de D. Marcia e sentir um cheiro forte e enjoativo de desinfetante, e mesmo sem comentar nada, ela logo explicou: tinha acabado de limpar a casa, mas não uma limpeza qualquer. Seu irmão, que morava com ela, fazia uso intenso de álcool, chegando a passar vários dias em situação de rua bebendo e na madrugada anterior tinha voltado para casa sujando tudo. D. Marcia chorava, parecia cansada e acuada (sim, acuada em sua própria casa). Acolhemos, aprendi bastante nesses atendimentos com meu preceptor que usava de muita sensibilidade e delicadeza para deixar aparecer a expertise da experiência de quem a gente estava encontrando. D. Marcia trazia algumas questões que se fazem presente em muitas casas: evitava atendimento médicos por receio de se despir, pois tinha aprendido que seu corpo era resguardado para ela e o marido somente, já tinha evitado até mesmo uma cirurgia necessária por esse motivo; sentia-se sobrecarregada com as tarefas domésticas, cuidar da família (mesmo dos que não moravam com ela) e criar os netos; e tinha o irmão, que ela não sabia mais o que fazer. Não conseguimos conversar com ele nesse mesmo dia, mas combinamos de retornar, buscar informações sobre a rede de atenção psicossocial em álcool e oferecemos a D. Marcia outros momentos de atendimento. Algum tempo se passou até a ACS nos chamar para outra visita. Chegamos lá e novamente o olfato me pegou: cheirinho de casa limpa, mas dessa vez suave, talvez lavanda e de comida no fogo! A TV estava ligada em algum programa matinal, desses que a apresentadora também está cozinhando. D. Marcia pediu licença, precisava terminar o almoço e ficamos conversando com seu irmão. Ele contou que estava bem, naquele dia já tinha varrido a casa, limpado um pequeno terreno que eles mantinham vizinho com pés de fruta e raízes e antes da gente chegar estava lavando suas roupas. Ele é assim, faz tudo em casa com D. Marcia. E cozinha. Ele sabia muitas receitas boas, como aproveitar o melhor de verduras, frutas e temperos, aprendeu quando trabalhava como técnico agrícola, no trabalho também aprendeu sobre aviação, dessas de lavoura, porque auxiliava no guia dos voos e pousos. E ele sabia também sobre si! D. Marcia desligou algumas panelas e veio sentar com a gente, uns olhos

ansiosos e entendemos, “podemos contar sobre o que a senhora nos falou da última vez?” e contamos sobre como ela estava preocupada com ele, como se sentia sobrecarregada e não conseguia falar sobre, e ela logo emendou “mas olha como ele ajuda tanto quando está bem”. Contamos da rede de saúde, do que poderíamos ofertar e perguntamos dele. Ele nos mostrou como estava caminhando pelos seus dias, estava inclusive cuidando de sua saúde física, entendia que não precisava, no momento, de acompanhamento em saúde mental. E aí, chegou um docinho, de banana, feito no forno, só banana e pronto. Os irmãos adoravam, era prático e saudável. Aprendemos (equipe de saúde) mais receitas com comidas da terra e detalhes sobre absorção dos nutrientes nas formas de cozimento (tu crê, autonomia?), aproveitamos para trocar umas orientações de alimentação que sabíamos também, reforçar que a UBS estava perto e aberta para eles. Depois disso, encontrei algumas vezes D. Marcia nos corredores do posto. Olhando assim, por cima, pode até parecer que nada ou muito pouco foi feito. Mas esses atendimentos foram bem tecidos com o saber deles, da experiência e olha minha surpresa de perceber agora, enquanto escrevo, que você estava lá também.

Autonomia, te encontro também na escrita. Não há melhor exemplo para explicar como andamos juntas. Na carta ao grupo de orientação com Marília contei as meninas as angústias que atravessavam meu processo de escrita, de me ver em momentos de “não saber escrever” e que Marília responde dizendo que ela também viveu tais momentos, no TCC, no mestrado, no doutorado, sempre olhando para o escrito que precisava e para outros que já tinha feito pensando “nunca mais vou conseguir fazer isso”, mas conseguindo e fazendo e escrevendo. Ela também compartilhou um trecho de Clarice:

“Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve?... Sei que a resposta, por mais que intrigue, é única: escrevendo.” (LISPECTOR, p. 25, 2010).

Compartilhando nossas experiências, eu com as meninas, Marília também falando da dela, Clarice com todas nós, nos fortalecemos. De um ponto de apoio onde tinha “Marília” surgem novas ramificações, aparecem Nayanne, Karla, Jeannyce, Clarice, Bruna Battistelli e tantas outras, e assim vou, e não vou só, tecendo minha rede, conhecendo novas ruas e criando novas rotas. Minha possibilidade de andar, de movimentar, de viver, de dizer “caminho com você, autonomia” está diretamente relacionada, e porque não dizer, está diretamente dependente dos pontos de apoio. E não esquecendo que falo sempre sobre saúde, vai a nossa defesa: quanto

mais pontos de apoio a rede de saúde possa ter, especialmente, de saúde mental, mais fácil se torna sustentar as práticas de cuidado em liberdade e no território

Vamos juntas,
Maysa Vieira.

Carta 4 – À gente que pensa e faz saúde,

Estou (ou estamos, se você que está lendo teve acesso as cartas anteriores) chegando ao fim do nosso passeio (que é também início do fim da minha graduação, é mar de memórias, sentimentos que navegam, vão e voltam como ondas, é fechamento de um ciclo para dar abertura a novos, foi/é – e que bom! – só mais uma aventura de uma formação constante). Percorremos várias ruas, várias rotas, passamos pela praça da metodologia e lá tinha gente escrevendo cartas, tinha um convite para a hora do chá, te falei sobre contar histórias (Marcia Moraes, Alexandra C. Tsallis, 2016), a saber como elas interferem no mundo (Josselem Conti, 2015) e a pesquisadorCOM (Márcia Moraes, 2010; Marília Silveira, 2013; Marília Silveira, Analice Palombini, Marcia Moraes, 2014), até desenterramos um tesouro de 2000 e bolinha (mantenho o gosto por canetinhas coloridas até hoje). Agradeço tua companhia! Você não imagina como fico feliz com esse cenário, andar nas ruas, olhar o céu, as pessoas que passam, um passarinho que fica e o vento correndo... inúmeras foram as vezes que estar na rua, ao ar livre, na praia ou na janela de ônibus desembaralhou os pensamentos, mostrou qual porta abrir primeiro.

Mas ainda tenho outros lugares para te apresentar. Nosso próximo cenário é aqui:



Fonte: foto retirada durante a realização do grupo GAM no CAPS.

Essa é a parte externa de um CAPS aqui de Maceió/Alagoas, cidade onde moro, estudo e trabalho. Foi nela, embaixo de uma árvore, que encontramos acolhida para realizar os encontros de um grupo guiado pela GAM. Inusitada. Foi assim que ao final do primeiro dia defini como tinha sido a experiência. Cheguei no CAPS cheia de expectativas, assim como

minhas professoras e colegas, tínhamos alguns planejamentos e sabíamos que o grupo seria realizado junto com moradores dos novos (e primeiros) Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs) do município. Vejam bem, eram pessoas que tinham acabado de sair de looongas estadias nos hospitais psiquiátricos. Eu também estava chegando depois de uma manhã de choro, desespero e angústia com outra disciplina da graduação (uma dessas que pouco nos motivam, cheia de regras não pactuadas e que a relação com o/a professor/a é um grande mistério, *será que é assim mesmo que uma graduação precisa acontecer?*). Pois bem, errei a porta do CAPS, entrei dando tímidos “boa tarde” a quem encontrava e estava nervosíssima até que um dos usuários que com trabalharíamos veio me receptionar, mesmo sem me conhecer, correu para dar um abraço, dois beijinhos e indicar, do jeito dele, o local onde estava todo mundo. Pronto, estava entregue ao encontro e nem fui eu, supostamente a detentora do saber, que iniciei. Obrigada por essa acolhida, querido!

Lembrei daquela música dos Novos Baianos “e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto”. Quero contar dos tantos que recebi. As pessoas ¹²que estavam esperando no CAPS para participar do grupo poderiam ser (e foram, talvez, continuem sendo) lidas como impossibilitadas, inacessíveis, sem autonomia (lembrem? Com perda total ou parcial da capacidade de deliberação do agente...), mas foram elas que encontrei outras vezes, meses ou anos depois, em eventos de saúde mental e controle social, participando de mesas de abertura, afirmando quem eram, onde moravam (não mais no hospital!) e o que queriam. Foram elas que cuidaram da gente também, como Adelino, no meu primeiro dia no CAPS.

Escolhi chamar Adelino de Adelino, porque esse era o cantor que ele mais pedia para tocar na caixinha de música das professoras. Adelino Nascimento, nordestino, cantor e compositor de brega. O Adelino andava totalmente curvado, por mais que alguém dissesse “levanta”, ele andava alguns passos em pé e voltava para sua posição inicial. O DSM (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais) deve apontar de qual diagnóstico o sintoma faz parte, mas não nos interessa aqui. Quando tentamos conversar uma primeira vez, percebemos que Adelino falava com dificuldade, mas bastava tocar seu cantor preferido (ou outros bregas “sofrência” como descobriríamos adiante) que ele articulava muito bem a letra da

¹² Estou tentando um exercício de não chamar as pessoas com quem encontrei/encontro de “usuário, usuária ou paciente”. Não pretendo e não acho que cabe neste trabalho problematizar tais termos, mas quero apontar os motivos da escolha: primeiro, sinto uma quebra na leitura quando preciso escrever a palavra nos dois gêneros (e não, o outro caminho não é usar o gênero masculino por ser o “neutro” na gramática); segundo, quando uso “usuário” ou “paciente” os rostos e as memórias ficam nubladas na minha mente, mas quando opto por falar “pessoa/pessoas” e nomeá-las, mesmo que com outros nomes, os rostos voltam a aparecer, retornam ao singular de cada um e cada uma, de como os encontros aconteceram e acionaram todos os meus sentidos na escuta.

música para cantar, e se tocava “É o Tchan”, levantava e dançava sem ninguém precisar dizer “leeevanta”.

Os planos que tínhamos na disciplina de sentar em roda, conversar sobre os temas com cada um falando por vez, escrever, desenhar, tudo organizadinho faziam zero sentido dentro daquele grupo. No primeiro dia, nem sentar em roda deu certo, mesmo com os bancos dispostos assim. Cada um que tomou conta de onde queria estar. Mas tentamos lançar pelo menos as primeiras perguntas: “quem você é?” e “o que você gosta muito de fazer?”. Um amigo de Adelino decidiu que queria contar sua história, foi para frente de todo mundo, andou de lá para cá falando desde a infância, das brincadeiras do interior. Ele falava baixinho e a gente não conseguia entender direito, mas descobrimos mais tarde que era a primeira vez que ele contava assim de si. Veja, essa pessoa estava há anos inserida em dispositivos da saúde e era a primeira vez que as equipes conheciam parte importante dela. Havia sim uma mudança prévia e significativa de produção de cuidado que ele recebia, feita entre CAPS-SRT, mas mais pitadas foram adicionadas com a construção de um encontro afetivo com a gente que estava ali. Emerson Merhy (2013) vai dizer que “faz diferença quem está se encontrando” (MERHY, p. 142, 2013), porque há em cada pessoa e em cada encontro linhas de forças atuando.

Nosso planejamento incluiu tomar mão de diferentes ferramentas para promover encontros: caixinha de som (que foi muito sucesso), miçangas para confeccionar pulseiras, chá e cartolinas. A ideia inicial de uma roda não funcionou, mas todas essas ferramentas somando o estar disponível para se transformar junto e a partir do campo fez acontecer coisas impressionantes. Foi com o PesquisadorCOM (Marcia Moraes, 2010; Marília Silveira e Analice Palombini, 2016) que aprendi a importância de levar adiante as questões colocadas pelo campo, de construir ou reconstruir os dispositivos de pesquisa COM todas as pessoas envolvidas quando as nossas ideias, tomadas a priori, não funcionam (o que é frequente, né?). Mas isso também vale para os processos de trabalho.

Foi assim que mesmo sem conseguir conversar em roda, a gente produziu os encontros no particular, em duplas, no mais próximo possível. Mesmo enquanto um trabalhador nos dizia “ele não fala, não se comunica” e ficávamos pensando “de onde vem a mudez?”, convidamos cada um para fazer a sua própria pulseira, nem que fosse somente escolhendo as cores das miçangas e como elas ficariam no barbante, e vimos nossos convites serem aceitos, vimos as pulseiras sendo construídas juntas e braços estendidos para receberem a produção final. Vimos a pessoa que não falava dizendo seu nome.

Outras oficinas estavam rolando no CAPS nessa mesma época. No primeiro dia, tinha oficina de fotografia e foi assim que ganhamos um fotógrafo no grupo. Caiu não mora na SRT,

nunca passou pelo hospital psiquiátrico, ele mora com a família e frequenta o CAPS desde pequeno. Carrega no corpo várias marcas, algumas de procedimentos de saúde e outras produzidas por ele mesmo. Ele viu aquele movimento diferente, estranho no CAPS tão conhecido por ele, sentou perto e pediu para se apresentar também. Depois pediu para tirar foto, estava praticando o que tinha aprendido na oficina e fez o trabalho completo: direção de modelo, escolha da cena e entrega do produto com dedicatória. Caio, ainda que não tivesse que ficar com a gente, ficou. Mas não sem também se posicionar. Nos encontros, a cada pergunta que a gente fazia para conhecer sua história, ele retornava outra pergunta para gente. Talvez isso seja conhecido de quem já está no trabalho, mas tu, que é estudante ainda, saiba que acontece: a gente está ali, bonitonas, ocupando o lugar de quem faz a pergunta, de quem detém um saber técnico-científico e a outra pessoa vai vir e vai chamar a gente para se deslocar desse ponto distante, alto, é quase como um *“ih, ó lá, desce daí, vem pisar no chão comigo”*. Outro dia foi Adelino que fez esse chamado, do jeito que ele pôde elaborar, em forma de crise. Enchemos todo mundo de pergunta sobre rede de apoio, como era estar na SRT e como era morar no hospital psiquiátrico, e de repente, ele estava ali chorando, agitado, querendo voltar para o hospital. Acontece que na SRT havia uma cautela com a comida, o quanto e o que comer; ele queria o cuscuz com salsicha do hospital, queria o trabalhador que passava com a bandeja para ele, descobrimos que tinha pessoas queridas lá. E agora? O que fazer? Uma estudante convidou ele para dar uma volta e ele foi, encontrou um pessoal na capoeira, falou com um e com outras pessoas, e voltou para o grupo, estava pronto para estar com a gente de novo, “mas não quero responder mais nada hoje”. Vocês conseguem ver como nessas histórias a autonomia vai aparecendo na troca com outras pessoas, na possibilidade de achar pontos de apoio diversos (humanos ou não-humanos) e, principalmente, no poder se mostrar, se dizer, se posicionar, mesmo que não seja com palavras? A nossa potência na saúde se forja aí. Ainda que a gente saiba muita coisa, tenha muitas experiências, entenda como as linhas de forças (marcadores sociais, econômicos...) operam nas vidas, é somente no momento do encontro com a outra pessoa (quem ela é, o que ela sabe, o que ela quer, qual o tempo que funciona para ela, entre tantas outras perguntas) que o cuidado pode tomar forma. Até porque o cuidado é acontecimento, é aquilo que ocorre no espaço intercessor entre sujeitos (Emerson Merhy, 2013).

E assim, entre pulseiras, primeiras conversas, chás, desenhos, Adelino Nascimento e similares que passamos as tardes. Foi alegre, foi divertido, foi acolhedor – talvez eles¹³, nos

¹³ A maioria das pessoas que estavam com a gente eram homens, dos SRTs masculinos. Apenas em alguns momentos, as mulheres também participaram, devido as diferenças de território e CAPS de referência. Por isso na maior parte da carta está marcado o gênero masculino. Sinalizo quando o encontro for com as mulheres.

acolhendo mais do que o contrário, foi de produção de vida e cor na prática em saúde mental! E foi de fotos. Se alguém me dissesse que eu iria realizar uma prática num serviço de saúde e acabaria servindo de modelo (bem “blogueirinha”) para fotografia, nunca que iria acreditar nessa pessoa.

Outros tipos de encontros também aconteceram nesse mesmo local, dessa vez com outras psicologias, outras abordagens de saúde. No primeiro dia, como estávamos ali pela primeira vez, algumas pessoas, principalmente profissionais, chegavam por perto, conversavam um pouco, observavam mais um pouco e saiam. Mas dois ficaram, eram estagiários de Psicologia. Uma das pessoas se aproximou, se apresentou para alguns de nós e depois não interagiu com mais ninguém; a outra pessoa, apenas manteve-se na sua posição de observação durante toda a tarde. Haviam dois mundos coexistindo naquele lugar, um de produção de vida e outra de produção de distâncias, da suposta neutralidade científica. Ao final da atividade eles se explicaram: era o começo do estágio e a psicóloga, que não os poderia receber com a devida atenção naquele momento, pediu para que ficassem observando a nossa atividade, mas quem imaginou que eles realmente se limitariam a observar, não é? Esses encontros foram ocorrendo outros dias à medida que alguns estudantes iam chegando no CAPS como campo de estágio ou de visita técnica. Num certo dia, foi uma turma inteira chegando ao mesmo tempo e eles não se aproximaram, parecia que tinha vidro impedindo a passagem e a gente do grupo (estudantes, pesquisadoras, usuários) éramos o objeto para ser observado. E quantas vezes também nós não nos colocamos assim frente ao outro? Também eu já tinha chegado deste modo um dia no campo, acho que continuo chegando algumas vezes no trabalho. Só que sempre, sério, sempre tem um convite para gente se aproximar. Que nosso exercício, meu povo da saúde, seja de escutar esse convite e de lembrar que o vínculo também é importante para gente, estudante ou profissional. É preciso que nós estejamos, primeiro, disponíveis para esse encontro com o outro, e então, que sejamos também “fisgadas” pelo vínculo para que voltemos nas próximas vezes mais disponíveis ainda para os acontecimentos, porque voltaremos sempre de uma forma ou de outra, obrigadas por vínculo de estudo, de estágio ou de emprego, mas a diferença vai ocorrer mesmo quando essa volta for com vontade e disponibilidade para se afetar.

Encontrei com outras psicologias também no último dia do grupo. Foi uma tarde linda, de despedida, de música, de dança, abraços, de comes e bebes (nesse ponto os chás eram acompanhados de adoçante, para tomar conta de quem não podia usar açúcar; para quem queria café, era o descafeinado; bolos, bolachas, docinhos e balas também monitorados). Foi de ajudar Maria, uma senhora, a reduzir sua dor de cabeça com uma volta no pátio, colhendo uma plantinha e colocando o galho no lenço em sua testa, porque de alguma forma esse era o remédio

dela e das mulheres de sua família que vieram antes dela. Foi dia de conhecer Clarice, uma frequentadora do CAPS como Caio, ela vinha por causa do cafezinho e num momento que todo mundo estava ocupado, alguém perguntou se ela não queria ela mesma fazer o próprio café “EU??? Eu posso?”. Daí em diante ela fez vários: para ela, para o vigilante, para todo mundo. Ficou felizona pertinho da garrafa térmica. Também foi o dia que o carro do CAPS não estava lá e acompanhamos os moradores das SRTs até em casa. Vocês já viram a loucura habitando a rua? Adelino sentou em frente a garagem de um prédio e não queria levantar. Outro, dava dois passos, ajoelhava e dizia alguma reza. Tinha os que estavam com mais pressas e saíam na frente. Mas no fundo, cada um ali estava pleno na sua vida. Até mesmo quem estava no trânsito. Desesperadas e rindo de nervoso mesmo, estava a gente, da saúde. Parecia tudo muito bom. Mas aí chegou minha vez de ir para casa e encontrei o colega estagiário lá do primeiro dia. Ele tinha participado do grupo com a gente, mas alguma coisa não fisionou nele. Ele quis entender qual era nosso objetivo, qual era a disciplina e o que é a GAM. Expliquei. Mas sua resposta foi que devíamos ter buscado outras pessoas para participar do grupo, uma vez que para metodologia escolhida (ou tema a ser tratado) não é todo mundo que consegue participar e conversar. Explico-lhe que mudamos as formas de trabalhar com aquelas pessoas e isso não era problema para GAM e nem para nossa pesquisa (veja, é o contrário, é pesquisarCOM), que nos adaptamos (e sim, poxa, adaptação tem que ser nossa), mas mantivemos os temas e as atividades aconteceram, as histórias foram contadas, o vínculo foi construído... no fim fui interrompida pelo ônibus dele que chegou e fico com sua última resposta “entre teoria e prática há um distanciamento, a gente precisa pensar o público que escolhe para atividade” como quem faz na profissão a escolha de adaptar as pessoas à metodologia, à teoria, ao planejamento.

E aí, fiquei triste. Voltei para casa pensando “será mesmo? será realmente que deu certo em alguma medida?”. As dúvidas duraram até o outro dia quando ao acordar vi no *whatsapp* da disciplina uma mensagem do psicólogo que trabalha nas residências terapêuticas deixando o registro de como foi importante para todos (profissionais e pessoas residentes) a participação nos encontros, que ele percebeu como as vidas foram mudadas, como ele via nos processos de cada um que esteve ali a apropriação dos próprios desejos, de conseguir afirmar para família que não quer mais o hospital, de responder com muita certeza de onde quer ficar. E é com isso, e lembrando tudo que vivi, que percebo a quão rica foi essa experiência para ver que existe uma série de possibilidades de práticas de cuidado na saúde e na saúde mental, para compreender (e viver) a importância do vínculo e de se permitir afetar.

Entendo que nem sempre é fácil sustentar as questões que o outro coloca, porque o afeto não se dá somente como alegria ou leveza, algumas vezes ele dói e dói no corpo, sem que,

inclusive, consigamos nomear o que está acontecendo. É o afeto que emerge quando a gente escuta as histórias de internação, de uso de medicamentos, de quem não se sente acolhido na família, na sociedade ou na equipe de saúde, é afeto que aparece quando a gente acompanha uma pessoa até outro ponto da rede e essa pessoa não é sequer olhada, é da pessoa que está na rua e não é vista ou quando vista, tem apenas valores negativos. É a afeto das histórias da violência policial nas comunidades. Histórias nem sempre são fáceis de escutar, viver e sentir. Mas é só as conhecendo que podemos articular conceitos, acionar as redes possíveis e estar com o outro.

Vê, na produção do grupo no CAPS a preocupação não se dava propriamente com o seguimento do roteiro, mas com a possibilidade de criar encontros. O resultado aparece ali mesmo, no momento do acontecimento, basta sermos capazes de enxergá-lo. Ele se materializa numa história contada, num chá feito, numa música cantada junta e com cada palavra bem pronunciada. Aparece também nas fotografias tiradas e em como a cada oficina passada, o grupo se organizava organicamente mais como grupo, em roda, em conversas (foi aquele nosso desejo inicial se realizando). Apareceu de jeitos inimagináveis no primeiro dia, que não teria acontecido se tivéssemos desistido colocando a inacessibilidade *neles*, mudando as pessoas com quem trabalharíamos. Produzimos um cuidado possível e sempre, até hoje quando a rede parece dura, quando parece não haver o que fazer, não ter para onde movimentar, tento lembrar que cuidar no território e produzir vida em liberdade é realizável.

Conto tudo isso para multiplicar os modos possíveis e realizáveis de liberdade. É um lembrete para mim e um convite para você.

Digo que é um lembrete para mim, porque mesmo vivendo tudo e mais um pouco do que as palavras conseguem contar, as forças duras da ciência ainda estão aqui presentes (aquelas que citei na primeira carta e engessam minha escrita). Agora mesmo, na escrita dessa carta, do TCC carta-gráfico, com todas as pesquisadoras que estiveram antes de mim calçando as pistas que caminho, me pergunto “será? É realmente possível? É realmente científico?”, e aí preciso lembrar que Paulo Freire (2013) nos diz que um observador (aqui vou extrapolar para profissionais da rede) sempre atua com um ponto de vista e aí não está o erro, possíveis erros se encontram na falta de rigor. Rigor que se dá com razão ética, mas da ética que se faz consciente de sua presença no mundo. Assim, nossa aposta é no exercício dessa ética, mesmo sabendo-o difícil e com erros no caminho. Aqui nosso rigor não é da neutralidade, mas é de contar nossos caminhos, idas e vindas, encontros e desencontros, afetações. O rigor de nosso pensamento está, como disse antes também com Paulo Freire, no chão onde nossos pés pisam.

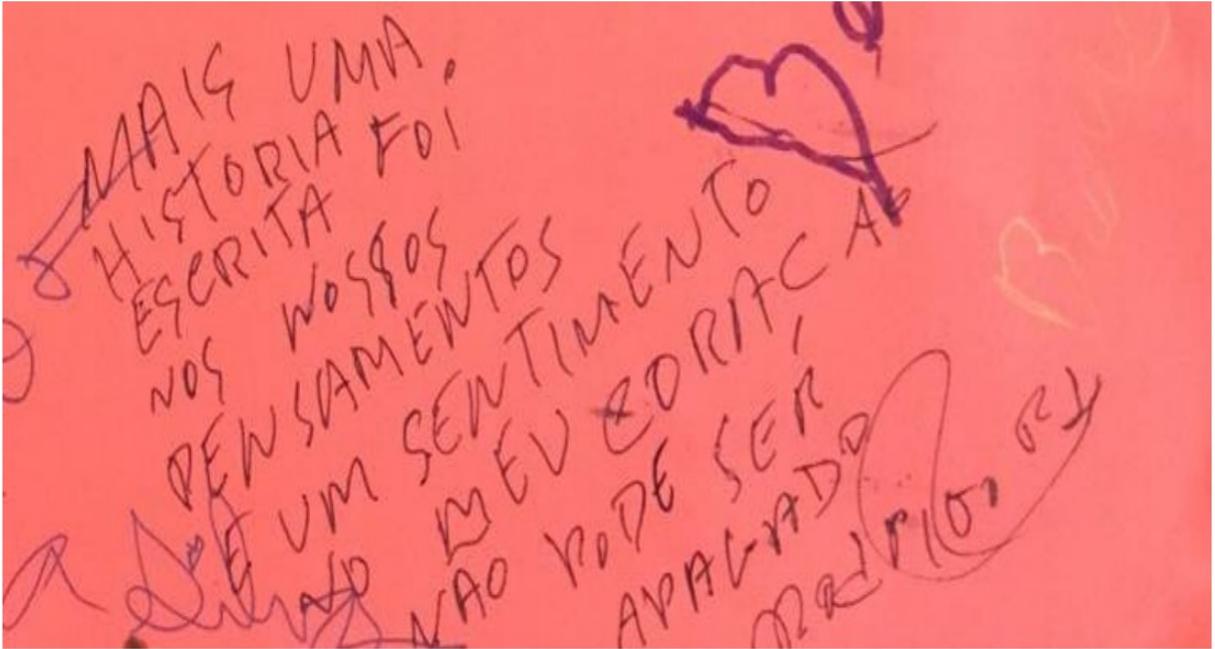
Para mim é um constante exercício de me questionar sobre minhas práticas, sobre minhas possibilidades, de me sentir atropelada pelas únicas histórias e de precisar lembrar das histórias únicas, singulares. É exercício, porque não está dado, não está naturalizado. Precisamos construir.

Marília me ajuda a entender e lembrar que é isso mesmo, meu trabalho (tanto na rede como na pesquisa) se sustenta num paradoxo, que não tem solução. Não há como prescrever autonomia, no máximo podemos partilhar as autonomies possíveis, atravessadas pelos encarceramentos que as vezes a gente mesmo provoca, como na crise produzida em Adelino, na certeza que Tiago ficaria internado e no julgamento da bebida que a família compartilha. É duro perceber isso, é frustrante e impotente. Diante da impotência, nesse momento em que não há mais nada para fazer a gente sente a raiva, o rancor, a dor, a indignação. E respira. Pela brecha de cada respirada sai um passo, apenas um, de cada vez.

A autonomia é um paradoxo. Não é fácil de resolver. Minha autonomia também é questão, é aberta, construída, tecida... se faz em mim no encontro com outros tantos. Aí tem outro problema: não sei exatamente em que momento isso aconteceu, mas acredito que quando, lá no início, Marília e tantas outras e outros pesquisadores convidaram para afetar-me e transformar, levar em consideração o que o encontro reverbera em mim e no meu corpo (e não somente no outro, atendido, “objeto” de trabalho da psicologia) passei a reparar mais nos efeitos que os modos de cuidar geram na gente, profissionais da saúde. Que tipo de cuidado estou produzindo? Quando consigo cuidar em liberdade, como fico? E quando atropelo o outro, quando encarcerero? Esses sentimentos impactam em outros momentos do trabalho, nas equipes e nos outros atendimentos? O que pode o cuidado? Como os diferentes jeitos de produzi-lo interferem no mundo, na gente e em todas as pessoas envolvidas?

Entendi que é preciso cuidar da ansiedade das equipes, da expectativa de que o usuário responda ao tratamento; cuidar para que essa ansiedade não seja transferida para as pessoas atendidas, cuidar do imediatismo, cuidar mesmo no “não” do usuário, cuidar é ficar no pior momento do outro, na hora da raiva, da resposta que a gente não quer, na história contada mais de mil vezes...

Minha gente, que cansaço! Vou ficar por aqui. Mas lembrem que as ruas são nossas, que continuemos caminhando, quem sabe a gente se encontra novamente por aí e aproveita uma sombra para trocar mais ideias. Para o abraço final, tomo emprestado as palavras de um querido:



Fonte: foto retirada durante a realização de grupo GAM no CAPS.

Até a próxima,
Maysa Vieira.

REFERÊNCIAS

- BATTISTELLI, B. M.; OLIVEIRA, E.C.S. CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 679-701, 2021.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.
- CAMPOS, R. T. O; PASSOS, E.; LEAL, E.; PALOMBINI, A.; SERPA, O et al. **Guia da Gestão Autônoma da Medicação – GAM**. DSC/FCM/UNICAMP; AFLORE; IPUB/UFRJ; DP/UFF; PPGPSI/UFRGS, 2012. 2º edição revisada em 2018.
- CECCIM, R. B.; FERLA, A. A. Linha de cuidado: a imagem da mandala na gestão em rede de práticas cuidadoras para uma outra educação dos profissionais de saúde. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. **Gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.
- CONTI, J. **Margens entre pesquisar e acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos?**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Niterói, 2015. 106 f.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. 47ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- KINOSHITA, R. T. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: PITTA, A. (ed). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LISPECTOR, C. **Crônicas para jovens: de escrita e de vida**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010
- MERHY, E. E. O cuidado é um acontecimento e não um ato. In: FRANCO, T. B.; MERHY, E. E. **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.
- MORAES, M. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, M. e Kastrup, V. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- MORAES, M.; TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.39-50, 2016.
- NICOLLE, C.; BATTISTELLI, B. M. Cartas sobre cuidado. **Alegrar**, n. 23, p. 97-108, 2019.
- SANTOS, A. de O. Saúde mental da população negra: uma perspectiva não institucional. **Revista da ABPN**, Garulhos, v. 10, n. 24, p.241-259, 2017-2018.
- SILVEIRA, M. **Vozes no corpo, territórios na mão: loucura corpo e escrita no PesquisarCOM**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. 134 f.

SILVEIRA, M.; PALOMBINI, A. L.; MORAES, M. EscreverCOM: uma experiência ético-política de pesquisa. **Mnemosine**, v. 10, n. 1, p.2-22, 2014.

SILVEIRA, M.; PALOMBINI, A. L. PesquisarCOM a loucura. **Revista Alegrar**, n. 17, p. 1-28, 2016.

ZAMBILLO, M. **Autonomia errantes: entre modos de ser autoimpostos e possibilidades de invenção de si**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 154, 2015.